



Recebido em: 25 de nov. 2024 | Aprovado em: 17 dez. 2024
| Publicado em: 20 de dez. 2024

DOI: 10.5433/1984.2024v21n36p50

Papo de Invisível: um jornal das vidas em situação de rua na cidade de Londrina

Papo de Invisível: a newspaper about homeless lives in the city of Londrina

Janaína Minikowski Achete¹

Vera Lucia Tieko Suguihiro²

RESUMO

Este trabalho é uma investigação a respeito da cidade de Londrina vivida pela população em situação de rua. Através do método Painel de Opinião Popular (pop) foi questionado “Como Londrina poderia ser mais acolhedora para as pessoas em situação de rua?”. Através das respostas, foram coletadas informações sobre como eles experienciam a cidade nas suas diversas camadas e sintetizadas em proposições que foram construídas tomando como base o protagonismo dessas pessoas no que diz respeito às próprias vidas e evidenciam as disputas por territórios nos espaços centrais da cidade.

Palavra-chave: População De Rua; Planejamento Insurgente; Participação Popular; Direito a Cidade

¹ Mestre em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Estadual do Londrina.

² Doutora em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). Professora em Arquitetura e Urbanismo na Universidade Estadual de Londrina (UEL).

ABSTRACT

This research investigates the city of Londrina as experienced by its homeless population. Through an Opinion Panel survey, participants were asked, "How could Londrina be more welcoming to homeless people?" Their responses were analyzed to understand how they perceive the city at various levels. The findings were synthesized into propositions highlighting the protagonism of these individuals in their own lives and the conflicts over territory in the city's central areas.

Keywords: Homeless; Insurgent Planning; Popular Participation; Right to the City.

1. INTRODUÇÃO

A vida na cidade capitalista é pautada pelo trinômio residência-trabalho-consumo. O sujeito urbano comum dilui seu tempo por espaços que invariavelmente correspondem a uma destas três classificações. Independente da classe social a que pertence, a pessoa transita entre a própria residência ou de conhecidos, o local de trabalho - podendo ser de qualquer natureza, e locais de consumo que variam desde comércio, serviços diversos nos quais se incluem cultura, saúde, educação, lazer. Para fazer parte deste roteiro é necessário que se possa pagar minimamente por ele, sabendo que existem várias camadas dentro deste circuito, com custos variados que expandem as possibilidades quanto maior o poder aquisitivo.

Entretanto, quando pessoas não conseguem acessar ao circuito mais barato e, ainda assim, permanecem na cidade (na maior parte das vezes não há de fato outra opção possível) são obrigados a desenvolver estratégias próprias de sobrevivência de forma a reproduzir o trinômio no espaço público. Quando não se pode pagar pela própria sobrevivência (custos mínimos de reprodução da força de trabalho) essas pessoas que compulsoriamente vivem à margem da sociedade e precisam articular formas nas franjas do sistema capitalista para suprirem suas

necessidades básicas de alimentação, sono, higiene, lazer e relacionamentos interpessoais.

O fato de serem sem-teto não os tornam com menos necessidades, ainda que haja um projeto de desumanização destas pessoas resultante do modo pelo qual está organizada a sociedade. Elas continuam existindo e demandando como qualquer ser humano domiciliado. Essa forma de estar na cidade, não pautada pelo mencionado trinômio, desenha-se de forma totalmente distinta e invariavelmente precária dada as condições de escassez às quais este segmento populacional está submetido. Esta precariedade expõe a fragilidade da ilusão a respeito da mobilidade de classe pregada pelo capitalismo.

Esta pesquisa tem por objeto a falta de acesso à cidade formal vivida pela população em situação de rua no município de Londrina, com recorte de pesquisa delimitado no que diz respeito à cidade invisível produzida pela população de rua.

Londrina é a 2ª maior cidade do Paraná, estando atrás apenas a capital Curitiba e seu município possui a maior extensão territorial do estado.

Em 2010 (IBGE, 2010) registrava 506.701 habitantes e de acordo com as projeções, em 2021 se aproximava de 600.000, com uma prevalência de pessoas entre 15 e 40 anos (a base etária encontra-se afunilada) indicando tendência de envelhecimento populacional. Entre janeiro e dezembro de 2020, 3.188 pessoas em situação de rua foram abordadas pelo Centro POP e Centro de Referência Especializado de Assistência Social/CREAS III, entretanto este número não é fidedigno à realidade, uma vez que os bancos de dados do Centro POP, Abordagem Social e Consultório na Rua não são articulados podendo haver incremento nestes dados quando confrontadas as informações dos três órgãos. Soma-se a isso o fato de que nem todas as pessoas que estão nas ruas aceitam atendimento, por motivos que não cabe a este trabalho avaliar.

Em suma, Londrina atualmente é uma cidade com considerável desenvolvimento urbano e políticas setoriais voltadas à população de rua, entretanto

os dados disponibilizados a respeito são desarticulados e superficiais entre os órgãos de atendimento à população em situação de rua (psr).

A vivência junto ao Movimento Nacional da. População de Rua/MNPR, entre 2020 e 2021, me permitiu observar que a população de rua desenvolve estratégias de sobrevivência em vias de suprir suas necessidades básicas particulares, modificando o espaço construído e produzindo uma cidade informal e invisível que (con)funde suas necessidades íntimas e particulares no espaço público/coletivo. Desta forma, o trabalho tem por objeto analisar as estratégias de sobrevivência e as ações que constituem a cidade informal em que vivem.

Tomo como pressuposto o fato de que essas têm a capacidade, necessidade e direito à cidade, transformam o espaço que ocupam como forma de sobreviver no meio urbano que as transpassa através de soluções habitacionais próprias, mas que podem e devem ser considerados em sua capacidade de propor uma cidade que lhes atenda, ainda que minimamente.

A partir da pergunta norteadora: “Como Londrina pode ser mais acolhedora para as pessoas em situação de rua?”, estabeleço como objetivo geral deste trabalho cartografar subjetivamente a cidade invisível de Londrina, produzida pela pop rua em sobreposição ao tecido urbano formal, através de jornal impresso com conteúdo direcionado para eles tanto no conteúdo, linguagem e editoração.

2. METODOLOGIA DE PESQUISA

Através de sucessivas aproximações da pesquisa-ação, sistematizada por Thiollent (1986), este trabalho pretende desvelar a realidade urbana vivida pela população de rua, tomando como instrumento o painel de opinião popular para sistematizar as aproximações e sínteses desta cidade invisível, de forma a estabelecer um canal de proposições e debate que possibilite como meio de representação, a expressão do universo subjetivo vivido por eles.

Neste trabalho estruturei as aproximações de maneira a me colocar em posição de escuta, sistematização e validação das informações coletadas, conforme Rizek (2021) propõe:

Eu tenho que me despir para ir a campo: do que eu preciso me despir para ir a campo? (...) Na volta a primeira coisa que me pergunto é ‘o que eu não vi’. (...) No campo nós estamos comungando de uma situação e nos deixando transformar por ela. **Eu não falo pelos sujeitos pesquisados, eu falo com eles, eu discuto com eles o que vou falar sobre eles.** (Rizek, 2021 - grifo pessoal)

As sequenciais aproximações e sínteses foram construídas de modo a questionar para além do óbvio, formando vínculo suficiente para que as pessoas envolvidas na pesquisa pudessem repensar suas leituras ao longo do processo e construir uma fotografia o mais próxima possível de sua realidade momentânea (sem perder de vista a volatilidade da vida nas ruas), como representado na

Figura 1.



Fonte: elaboração própria

A pesquisa parte da estrutura na qual a ideia inicial é sucessivamente confrontada à realidade para elaboração de síntese. Ao longo de toda a pesquisa este ciclo de ir a campo-discutir-falar sobre é reiteradamente aplicado para interagir com a população em processo de aprofundamento, sem que isso alargue a pesquisa. Este movimento permitiu fazer mergulhos cada vez mais aprofundados nesta cidade invisível e, em seguida, dar saltos para percepção e visibilidade através de aproximações sequenciadas.

3. A CIDADE PARA OS INVISÍVEIS

Miraftab (2016) fala sobre espaços convidados e inventados aos quais a população pobre pode acessar. Ela chama de espaço convidado os lugares (físicos ou subjetivos) onde a mídia dominante, o Estado, as organizações internacionais de ajuda (dentre outros) permitem o acesso dos pobres, onde eles apenas aparentemente são protagonistas. São espaços limitados e restritivos aos interesses das classes dominantes. Já os espaços inventados são aqueles construídos pela classe trabalhadora, pelos pobres, como forma de conquista de território político, de melhores condições de vida, de luta por equidade social ou apenas por sobrevivência. À luz de Miraftab, tem-se as categorias de análise segundo nossas categorias de pesquisa conforme Quadro 1.

Quadro 1 – Categorias de análise

CATEGORIA TEÓRICA	CATEGORIA DE ANÁLISE
Espaços/equipamentos formais que atendem à psr	Cidade permitida
Estratégias individuais e coletivas da população de rua	Cidade inventada
Espacialização dos territórios	
Relações socioculturais da psr com a sociedade	Cidade sentida

Fonte: elaboração própria

Entendo que os espaços e equipamentos públicos formais que atendem exclusiva ou prioritariamente à psr correspondem ao que Miraftab (2016) classifica como espaços convidados. Porém, as sucessivas aproximações desta cidade invisível sugerem que estes espaços sejam mais próximos a uma concessão do que um convite. São lugares onde na maior parte das vezes eles tem a permanência autorizada, tolerada, quando há serviços sociais governamentais de atendimento à psr esta é sim convidada a utilizar os equipamentos e serviços; é o modo como o

Estado pretende, prioritariamente, prestar um serviço a seus eleitores, às classes médias e grupos privilegiados, melhorando a aparência da paisagem urbana e, secundariamente, atendendo necessidades imediatas da própria PSR. Em vista disso, intitulo esta categoria como “cidade permitida”.

Ao conjunto das estratégias de sobrevivência e soluções habitacionais desenvolvidas pela população de rua, somadas à sua territorialização, chamo de cidade inventada, ou seja, é o espaço urbano diretamente produzido pela população de rua.

Qualifico de cidade sentida a forma como a população de rua percebe a cidade e sua relação com a sociedade domiciliada. Nesta categoria estão as percepções de aceitação, expulsão, as ações higienistas e as de solidariedade. Estudo aqui também o pertencimento, os locais de fixação e formação de vínculos sociais.

Estas três categorias de análise pretendem abranger o universo da realidade vivida pela população em situação de rua, entretanto, poderão ser reavaliadas ao longo do processo.

4. PROTOCOLO DE CAMPO

Foram realizadas entrevistas em duas fases. A primeira, com a autorização do entrevistado, foi feita a seguinte pergunta: “Como Londrina poderia ser uma cidade mais acolhedora para quem está em situação de rua?” e registrada através de anotações no bilhete de campo (Figura 2 e 3). Na segunda fase, com a autorização do entrevistado, as conversas seguiram semiestruturada, gravadas em áudio, algumas finalizadas com registro fotográfico, conforme aceite e autorização direta do entrevistado. Nos casos em que houve concordância expressa do entrevistado, o material da segunda fase foi, em alguns casos, utilizado como matéria do jornal

“Papo de Invisível”, que produzido pela pesquisa com tiragens de 500 exemplares por edição, sendo 2 edições no total.

Os jornais foram produzidos de forma a estimular a leitura por parte da população. As imagens buscaram valorizar cada um dos indivíduos que autorizaram serem fotografados, colocando-os na centralidade do conteúdo não em sua vulnerabilidade, mas sim com o olhar de admiração e beleza que apenas o vínculo pode capturar. O resultado impresso foi recebido por eles como troféu e vários guardaram os exemplares por meses, como quem guarda um álbum de família.

Em tempos de extinção da mídia impressa, um jornal físico que exibindo na capa rostos envaidecidos circulou entre a população de rua de forma muito intensa e rápida. Em pouco tempo passei a ser procurada por outras pessoas desejosas de “aparecerem” no jornal e engajados na pesquisa, não pela crença em melhorias na condição de vida, mas certos de promoverem a própria autoestima. A cada novo sujeito abordado, mais propostas foram anotadas.

Todas as propostas coletadas, na primeira fase da abordagem, foram compiladas, publicadas, anonimamente, no meio circulante, no jornal “Papo de Invisível”, como forma de devolutiva. Os participantes puderam eleger as propostas mais representativas através do voto nos bilhetes de campo ou formular novas propostas, conforme metodologia Painel e Opinião Popular de Leirner (2016). Este ciclo de aproximação (coleta de propostas), síntese dos dados e devolutiva dos resultados (elaboração e distribuição dos meios circulantes) foram repetidas duas vezes.

Figura 2 – Frente e verso do bilhete de pesquisa

TU DO NÓS QUE NÓS TEM

Sua proposta é anônima, mas pedimos que preencha o quadro ao lado com o gênero que se identifica (caso seja não binário deixe em branco), data de nascimento e local de permanência para mapearmos a cidade da pop rua

As propostas podem ser depositadas na uma do centro pop ou entregue aos agentes da pesquisa identificados com a logo como essa ao lado

Sua proposta estará no nosso jornal!

PAPO DE INVISÍVEL

Universidade Estadual de Londrina

pu

Fonte: Elaborado pela autora.

A pesquisa de campo fez uso do bilhete para coleta de propostas da pessoa em situação de rua, no qual foram registradas perguntas para a questão “Como Londrina poderia ser mais acolhedora para a pop rua?” (Figura 2). As respostas, aqui lidas como propostas, são anônimas, porém com a possibilidade de rastreabilidade quanto a gênero, idade e localização da abordagem como forma de qualificar o debate e cartografar as diferentes camadas da população de rua em relação às suas demandas. Entretanto, as informações de gênero e idade serão omitidas, caso o entrevistado não queira fornecê-las.

Conectada ao objetivo geral desta pesquisa, foi produzida uma coletânea de narrativas a respeito da cidade vivenciada pela população de rua. Com os propósitos da cartografia crítica, o material produzido tem a intenção de “explicitar territorialidades de contradições, assimetrias e conflitos, contribuindo também para o surgimento de novas perspectivas sobre o espaço urbano” (Santos, 2019). Assim, a forma de representação, através dos jornais, buscou transcender às formas clássicas de mapeamentos para expandir a forma de retratar os dados e informações absorvidos na pesquisa e promover um material democrático tanto na construção, quanto compreensão e disponibilização.

Acselrad (2012) coloca como ponto de partida para uma democratização das políticas cartográficas a questão: “qual é a ação política que o gesto cartográfico

serve efetivamente de suporte e quem é o sujeito do mapeamento”. Tendo claro que o sujeito do mapeamento é a população em situação de rua, resta ainda esclarecer sobre a ação política. Ele explica:

Esta ação política terá, em permanência, que ser esclarecida nos termos das linguagens representacionais, das técnicas de representação e dos usos dos resultados, assim como, da trama sócio territorial concreta sobre a qual ela se realiza” (Acselrad, 2012).

Portanto, o material produzido por este trabalho intencionou refletir não apenas o óbvio da sobrevivência, mas transcender para o caráter de resistência e encontrar formas de representar, graficamente, a transposição da invisibilidade dessas pessoas em protagonismo para proposição de uma cidade menos hostil para eles próprios.

É importante lembrar que a cartografia é um espaço de conflito, e no caso deste trabalho, identifico de antemão a disputa entre a manutenção da cidade formal, dentro dos padrões higienistas, e a cidade real, suporte para as estratégias de sobrevivência criadas pela população de rua. Portanto, a cartografia, em formato de narrativas em jornais impressos, produzida nesta pesquisa considerou não apenas o que eu “ofereço” de participação à pop rua, mas principalmente a cidade inventada (e desejada) pela população de rua, compondo a disputa cartográfica descrita por Acselrad (2012).

Todos dados coletados foram analisados, levando em consideração as três categorias construídas fundamentaram a cidade para os “invisíveis”: a cidade permitida, a cidade inventada, a cidade sentida.

Essas categorias são o meio estruturante para análise das propostas e nortearam o exercício cartográfico de representação da cidade invisível, classificando as propostas e identificando o peso de cada uma delas na vivência da população não domiciliada em Londrina.

5. A 1ª EDIÇÃO DO JORNAL PAPO DE INVISÍVEL

A primeira edição do jornal, cujo nome foi sugerido por eles próprios: “Papo de Invisível”, nasceu de um encontro com a “turma da HP”. Nas imediações da praça Pedro I, bem próximo à Av. Maringá, um estabelecimento comercial possuía uma larga marquise de aproximadamente 5m de largura por 15 de comprimento, voltada para a Rua Tomazina. Em agosto de 2020 o local abrigava quatro pessoas: Rogério, Claudio, Gilson e Senhor X³. Nos primeiros contatos, eles explicaram que a dona do estabelecimento tinha feito um acordo com eles de que poderiam passar a noite ali, desde que antes do horário de abertura da loja, eles varressem o local e desocupassem, podendo guardar seus pertences atrás do container de lixo e retornar ao final do expediente. Por alguns meses a presença deles foi tolerada e parecia não haver problemas. Os quatro tinham o espaço como sua “casa” e nas conversas, usavam expressões como “sábado vamos sair, só devemos voltar mais tarde”, ou ainda “passa lá em casa”.

Quanto mais os meses passaram, maior a sensação de segurança de estabilidade no local, e começaram a convidar os amigos da praça para os visitarem. Começou com carteados tímidos que ao longo dos encontros tornou-se jogos de truco⁴ acalorados e, em algumas semanas, virou um ponto de “balada” e cena de uso de entorpecentes nas madrugadas. Em dezembro de 2021 a turma foi despejada: cortaram a marquise, deixando apenas um beiral com poucas dezenas de centímetros.

Entretanto, antes que a ocupação do local tomasse esta proporção, em uma das derivas de agosto de 2021, eles me ofereceram um rolo de massa de pastel, dizendo que tinham ganhado do “moço ali de baixo” e que eu deveria preparar para meus filhos. Propus a eles que fizéssemos uma tarde do pastel juntos, eu levaria os pastéis montados, refrigerantes e utensílios de cozinha, eles preparariam o fogo. No

³ Senhor X é o codinome de uma das pessoas que solicitou identidade confidencial.

⁴ Truco: jogos de cartas de baralho disputado em duplas, no qual se aposta quem tem a maior carta dentro da classificação específica do jogo frequentemente pautado no blefe, ou no truque.

feriado de 7 de setembro nos reunimos em frente a uma construção abandonada, na rua Clevelândia, onde improvisamos nosso “espaço gourmet”. Naquele momento festivo, pedi aos presentes, entrevistas para a 1ª edição do jornal, ao que vários atenderam, alguns aceitaram fotografias, outros não.

A montagem do jornal foi feita de forma a reproduzir o vínculo criado, a retratar aquelas pessoas descoladas do estigma, da miséria das ruas, porém, sem negá-la. Houve uma atenção para fazer uso de linguagem mais próxima possível da forma como eles se expressam, uma vez que o objetivo era produzir um jornal para eles.

Antes de mandar rodar a tiragem, imprimi protótipos em papel comum e consultei os retratados para pedir aprovação. A primeira pessoa que encontrei para mostrar a boneca foi o Rogério, um “cara” soturno, bastante introspectivo e de pouquíssima interação. Encontrei ele no nosso “espaço gourmet” e me sentei na calçada ao lado dele, entreguei a ele o protótipo e pela primeira vez, ele me olhou nos olhos, esboçou um sorriso e contou sobre os planos dele de ir para praia no verão. Sobre o jornal falou muito pouco, apenas que os colegas pareciam galãs e isso foi suficiente. A notícia do jornal correu feito rastro de pólvora e, antes de sair na gráfica, muitos já questionavam sobre quando o jornal sairia.

O jornal foi impresso no início de novembro de 2021, na gráfica do Jornal de Londrina (Figuras 3 e 4), com recursos próprios, em formato de tabloide, com 4 páginas e tiragem de 500 exemplares.

Figura 3 – Capa e contracapa da 1ª edição do jornal



Fonte: elaboração própria

A distribuição foi feita principalmente na região da Praça Pedro I, no centro da cidade, no Centro Pop, nos eventos comemorativos do dia da Consciência Negra, mas também pulverizadamente pela cidade, entre novembro e dezembro de 2021. Houve procuras, posteriormente, querendo contar suas histórias para “saírem no jornal”.

Figura 4 - Páginas 2e 3 da 1a edição do jornal Papo de Invisível



Fonte: elaboração própria

Com a distribuição da 1ª edição, foi possível coletar 38 proposições, integralmente descritas no Quadro 9. Todos os bilhetes receberam numeração de identificação (ID), com 8 dígitos, compostos da seguinte forma: os quatro primeiros dígitos referem-se à data de processamento das informações do bilhete, sendo os dois primeiros dígitos relativos ao ano, o terceiro e quarto dígitos ao mês, o quinto e o sexto dígito ao dia; os dois últimos dígitos são numeração em ordem crescente conforme processamento diário.

O processamento das respostas/proposições foi feito em camadas. A primeira identificando a qual categoria de análise se refere, à cidade permitida, à cidade inventada ou à cidade sentida. A segunda camada reconhecendo os locais de maior engajamento e relacionando as propostas aos locais de abordagem. A terceira camada analisou as propostas com o gênero. Neste primeiro bloco de proposições, houve uma grande preponderância de reivindicações acerca da cidade permitida, correspondendo a 58% das respostas. Três pessoas responderam que para Londrina ser mais acolhedora seria necessário haver mais oportunidades de trabalho para

peessoas em situação de rua. Esta proposição, em específico, diz respeito a duas categorias.

Em primeira análise, classificada na Cidade Permitida, pois é um pedido para participar a cidade formal. Porém em uma segunda camada, quando a psr solicita oportunidade de trabalho, especificamente para quem está nas ruas, expressa a exclusão sentida na pele de quem não possui comprovante de residência para candidatar-se a qualquer oportunidade. Este pedido reflete o peso do estigma sobre quem está nas ruas. Assim, apesar de serem coletadas 38 respostas, o universo a se considerar é de 41 proposições, conforme demonstrado no Quadro 2.

Quadro 2 – Categorização das proposições coletadas com a 1a edição do jornal

CÓD.	CATEGORIA DE ANÁLISE	18/11/2021	19/11/2021	30/11/2021	TOTAL	
A	CIDADE PERMITIDA	9	4	10	23	56%
B	CIDADE INVENTADA	4		3	7	17%
C	CIDADE SENTIDA	5	3	3	11	27%
TOTAL					41	100%

Fonte: elaboração própria

Noto que mais da metade das pessoas (57%), nesta fase da pesquisa, propuseram ações que atuam na cidade permitida, querendo apenas “retocar” os espaços existentes. A cidade sentida, recebeu 27% propostas que refletem a insatisfação de como são vistos e tratados. Muitas das propostas trazem pedidos por respeito e visibilidade, com destaque para um dos bilhetes que trazem um pedido ao Prefeito: ele passe 1 semana dormindo na praça, convivendo com a pop rua, para entender o que eles que passam.

Ainda sobre a síntese desta aproximação, organizei composições de todas as respostas em propostas chaves para sistematizar a essência das proposições coletadas e articular um programa de necessidades comuns, mesmo que sem descartar nenhuma proposição em particular.

Dentre todos as pessoas interessadas em participar da pesquisa, apenas 2 de 38 eram mulheres. As porções com maior engajamento foram o da Praça D. Pedro I e da Concha (centro) respectivamente.

6. A 2ª EDIÇÃO DO JORNAL PAPO DE INVISÍVEL

A segunda edição contou com um volume expressivo de conteúdo e foi ampliada para 8 páginas (Figura 5 e 6). Além das narrativas, incluí no jornal uma reportagem sobre o Padre Júlio Lancelotti, uma entrevista com a psicóloga do Consultório na Rua, Sara Toninato, dois artigos sobre ações higienistas em iminência à época da publicação e as propostas coletadas.

Figura 5 - Capa e contracapa da 2a edição do jornal Papo de Invisível



Fonte: elaboração própria

Figura 6 - Páginas 2 e 3 da 2a edição do jornal Papo de Invisível



Fonte: elaboração própria

Figura 7 - Páginas 4 e 5 da 2a edição do jornal Papo de Invisível



Fonte: elaboração própria

Figura 8 - Páginas 6 e 7 da 2a edição do jornal Papo de Invisível



Fonte: elaboração própria

Enquanto a 1ª edição foi elaborada como apresentação da pesquisa para grupos mais ampliados, até então com os quais não tinha vínculo, a 2ª foi organizada com propósito de conscientização popular sobre as principais ameaças colocadas naquele momento (Lei antivadiagem + obras de despejo da praça D. Pedro I) e, ao mesmo tempo, trazer duas figuras sociais de considerável atuação na luta de superação da miséria das ruas, o Padre Júlio Lancelotti e a psicóloga Sara Toninato. Por já ter uma percepção a respeito da aceitação e engajamento da pop rua na pesquisa, dei um passo adiante na composição do conteúdo do jornal para avançar no debate junto a eles. A estratégia provocou reflexos nas proposições, apresentando conteúdos expressivos de críticas à cidade permitida.

A expressão da criação imaginativa sobre como seria a cidade mais acolhedora foi menos marcante e nenhuma proposição foi feita a respeito da Cidade Imaginada.

As proposições desta aproximação ampliaram a quantidade de proposições síntese e endossou as proposições de espaço seguro para denúncia de violências

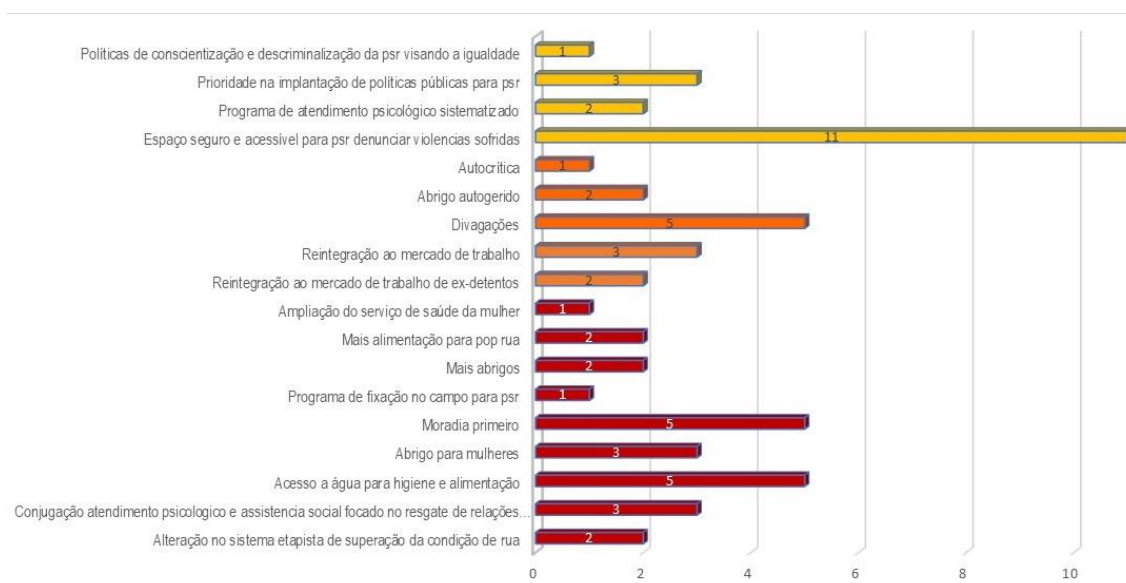
sofridas, abrigo para mulheres, programa de atendimento psicológico sistematizado e alterações no atual sistema de acolhimento do Sistema Municipal de Assistência Social/SMAS. A síntese está descrita na figura 9.

Esta edição foi impressa igualmente na gráfica do jornal Folha de Londrina, com recursos próprios, tiragem de 500 exemplares, no mês de fevereiro de 2022 e distribuída entre março e abril de 2022.

Começando por um olhar mais afastado sobre os dados coletados, a população entrevistada apresenta uma percepção aumentada a respeito do que lhes é “permitido”, sobre o que recebem do Estado/Sociedade e quase metade das proposições (44,4%) giram ao redor de alterações sobre o que já acessam e 31,5% sobre como sentem esta realidade, ou seja a realidade vivida é o pivô das proposições em 75,9%.

Apenas 24,1% das proposições são capazes de sonhar/imaginar/desejar/reivindicar uma realidade totalmente distinta da apresentada. Miraftab (2016) discorre sobre a minimização da capacidade criativa no planejamento insurgente como reflexo da opressão e miséria à qual as pessoas são submetidas.

Figura 9 – Síntese das proposições coletadas



Fonte: elaboração própria

É possível constatar nestes dados a eficiência da superestrutura, descrita na teoria marxista, para alienar as massas de forma que perdem sua capacidade de sonhar, imaginar, considerar o que seria um mundo (no caso uma cidade) mais acolhedor para si mesmos. A precariedade de sobrevivência é tamanha que compromete a capacidade de projetar uma situação (ainda que hipotética) na qual sua condição de vida fosse “menos pior”, confirmando a teoria de lumpesinato.

Aproximando um pouco mais da caracterização, é gritante o quanto a violência sofrida pela população de rua é a principal característica desta cidade invisível, uma vez que a maior quantidade de propostas está sintetizada na necessidade de um espaço para denúncia que seja seguro e acessível a eles de fato. Aproximadamente, 1 a cada 5 propostas citam a violência à qual a psr está submetida, seja nas ruas, seja nos equipamentos públicos de atendimento especializado para a população em situação de rua.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa verificou e validou o quanto é fundamental e urgente que seja construído um pacto social de resgate da forma como é tratada a população em situação de rua. É preciso que a sociedade civil, meios de comunicação, instituições públicas e privadas passem por uma transformação da forma de tratamento direcionada à população de rua. Faz-se extremamente necessário que essas pessoas sejam vistas em sua humanidade, resguardada sua dignidade e respeitado o protagonismo em suas próprias vidas, pois uma cidade é mais acolhedora quando é equitativa, socialmente justa e com um sistema de cuidado intensificado dos mais vulneráveis que os coloca no protagonismo das próprias vidas e concomitantemente os mantém em moradia digna

Esta pesquisa se propôs a olhar para a cidade vivida pela população de rua de forma a colocá-los no protagonismo da representação, intentou-se delinear esta cidade partindo das percepções deles para construir um desenho de como eles experienciam Londrina. Como toda pesquisa de mestrado, antes de mergulhar no tema, tem-se apenas uma visão vaga do que está por vir, um delineamento de pesquisa que precisa ser vivo e ter a flexibilidade na medida para fazer a conjugação entre o rigor científico e a realidade que se desvela.

REFERÊNCIAS

ACSELRAD, H. (Org.). **Cartografia social e dinâmicas territoriais: marcos para o debate**. Rio de Janeiro: IPPUR/UFRJ: Coleção Território, Ambiente e Conflitos Sociais, 2012.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Brasileiro de 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2012.

MIRAFETAB, F. Insurgência, planejamento e a perspectiva de um urbanismo humano **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, [S. l.], v. 18, n. 3, p. 363, 2016. DOI:

10.22296/2317-1529.2016v18n3p363. Disponível em:
<https://rbeur.anpur.org.br/rbeur/article/view/5499>. Acesso em: 18 mar. 2025.

RIZEK, C. "AULA 14: Ativismos cartográficos: possibilidades e desafios da cartografia contra hegemônica". **Gravação de LabCidade FAUUSP**, 2021. Disponível em:
https://www.youtube.com/watch?v=iK7cXDWAZ2g&ab_channel=LabcidadeFAUUSP
. Acesso em: 20 jan. 2022.

THIOLLENT, M. **Metodologia da Pesquisa-Ação**. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Cortez Editora, 1986.